



ESTADOS UNIDOS

Trump intervém na segurança da capital

Presidente mobiliza Guarda Nacional e federaliza a polícia de Washington D.C., sob o pretexto de "limpar" a cidade de "gangues violentas". Republicano menciona Brasília em lista de locais violentos

» RODRIGO CRAVEIRO

Donald Trump citou até mesmo Brasília para justificar duas medidas polêmicas: a mobilização de homens da Guarda Nacional para assumir a segurança de Washington D.C. e a federalização do Departamento de Polícia da capital americana. "Olhem para isso... Nós temos o dobro (dos crimes) de Bagdá, Cidade do Panamá, Brasília, San Jose (Costa Rica), Bogotá (Colômbia), Cidade do México. Eu mencionei Lima, no Peru. (...) Vocês querem viver em locais assim? Eu acho que não", declarou a jornalista na Casa Branca. No domingo, o presidente dos Estados Unidos tinha pedido às pessoas em situação de mendicância que abandonassem Washington. "As pessoas sem-teto devem sair, imediatamente. Nós lhes daremos abrigo, mas longe da capital", escreveu ele, em sua plataforma Truth Social.

O envio da Guarda Nacional e a intervenção na polícia teriam o objetivo de "limpar" a cidade de "gangues violentas". "Hoje é o Dia da Libertação em Washington D.C. e vamos recuperar nossa capital", prometeu Trump. Os planos do republicano envolvem a mobilização de 800 efetivos da Guarda Nacional, uma força de reserva, "para ajudar a restabelecer a ordem pública em Washington". O presidente não descarta mobilizar também as Forças Armadas. O objetivo de Trump também é a redução do número de sem-teto em Washington: o Departamento de Habitação registrou 5.600 mendigos em Washington, em 2024.

Muriel Bowser, prefeita de Washington, prometeu administrar a cidade de forma que os moradores se orgulhem disso e reconheceu o ineditismo do anúncio de Trump. "Embora esta ação de hoje (ontem) seja perturbadora e sem precedentes, não posso dizer que, dada a retórica do passado, estejamos totalmente surpresos", afirmou. "A criminalidade não diminuiu apenas em comparação a 2023, mas também em relação a 2019, antes da pandemia da covid-19. Nós estamos no menor nível de crimes violentos dos últimos 30 anos", assegurou.

Professor de direito constitucional da Universidade da Carolina do Norte, Michael Gerhardt vê a manobra de Trump como "mais um flagrante

Andrew Caballero-Reynolds/AFP



Donald Trump, acompanhado do secretário de Defesa, Pete Hegseth (E), e da procuradora-geral, Pam Bondi (D): "Hoje é o Dia da Libertação"

» Dados falsos sobre o DF

Em nota enviada ao **Correio**, Sandro Avelar, secretário de Segurança Pública do Distrito Federal, comentou as declarações de Donald Trump. "Brasília é mais segura do que Washington. O que o presidente Trump disse pode ser uma surpresa para muitos, mas é apenas a realidade dos números, baseada no índice mundialmente aceito de casos de homicídios a cada 100 mil habitantes", afirmou, em nota enviada por e-mail. "Em 2024, tivemos o menor número de homicídios de toda a série histórica do DF, medida desde 1977. Foram 6,9 casos para cada 100 mil habitantes (207 homicídios), número que nos aproxima dos países europeus. Sim, Trump falou a verdade: Brasília é mais segura do que Washington", acrescentou. Ao mencionar Brasília e outras cidades, Trump apresentou gráficos em que comparava os índices de criminalidade registrados em Washington com os de outras capitais. No entanto, ele usou dados falsos. O presidente americano disse que Brasília registrou 13 assassinatos para cada 100 mil habitantes, índice quase duas vezes maior que o registrado oficialmente pelo Distrito Federal em 2024. (Darcianne Diogo e Giovanna Sfalain)

exemplo de exagero do presidente". "Também é uma tentativa de desviar a atenção da bagunça envolvendo o caso Epstein, que danificou sua base

de apoio", explicou ao **Correio**, mencionando as supostas ligações entre Trump e o financista Jeffrey Epstein, declarado culpado de pedofilia

e tráfico sexual. "É uma jogada clássica de Trump para inventar alguma história sobre os fracassos dos democratas em agradar sua base e desviar a atenção de algo que é verdade e que deve prejudicar o presidente."

Condições

Segundo Gerhardt, a lei básica, elaborada pelo Congresso, permite que o presidente assuma certas operações em Washington D.C., sob condições específicas. "Tais condições não são atendidas neste caso. Portanto, é uma crise fabricada, para justificar ações autoritárias. O mesmo ocorreu com suas alegações sobre os déficits comerciais e de energia."

Com faixas em que pediam a divulgação dos documentos do caso Epstein, ativistas da organização não governamental Free DC protestaram em frente à Casa Branca. Diretora executiva da ONG, Keya Chatterjee afirmou ao **Correio** que a Free DC rejeita o "ataque à nossa democracia representado pela

presença militar na nossa comunidade". "As 700 mil pessoas na capital dos EUA não têm o privilégio de uma representação igualitária perante a lei nos EUA, e nem sequer têm representação eleitoral em nossa legislatura nacional. Essa mobilização da Guarda Nacional é tecnicamente permitida por lei, porque não temos status de estado nem representação", explicou.

Chatterjee lembrou que Washington D.C. opera uma 'Lei de Autonomia' que não permite ao governo federal controlar o Distrito de Columbia sem a anuência do Congresso. "Essa lei, até agora, nos protege até certo ponto e não permite a tomada de poder federal. Isso é bom porque este regime não tem as habilidades para administrar Washington. Ninguém neste governo sabe ensinar crianças na escola, cultivar alimentos, cozinhar, cuidar do saneamento, dirigir um ônibus ou cuidar de qualquer uma das necessidades básicas que temos em nossa comunidade. Esta é a nossa casa e, no espírito de autogovernança, devemos ser nós a decidir as regras aqui."

FAIXA DE GAZA



Anas Al-Sharif: bombardeio em tenda usada pela imprensa

Revolta por morte de jornalistas em ataque

Mohammed Abusalama, jornalista palestino da emissora Al-Ghad TV, deixou a tenda usada pela imprensa em frente ao Hospital Al Shifa, na Cidade de Gaza, pouco antes de um míssil israelense cair no local. O bombardeio, na noite de domingo, matou cinco jornalistas palestinos do canal Al-Jazeera (Catar). Entre as vítimas, está Anas Al-Sharif, 28 anos, um dos rostos mais conhecidos entre os correspondentes que cobriam a guerra na Faixa de Gaza. "Uma hora antes de Anas e Muhammad Qreia serem mortos, nós estávamos sorrindo e muito felizes com a queda dos preços, aqui em Gaza", contou Mohammed ao **Correio**. "Anas é meu amigo. Ele vive no mesmo bairro que eu, no campo de refugiados de Jabaliya, no norte de Gaza. Nossa amizade não se limita ao jornalismo, é uma amizade entre famílias", comentou, sem usar os verbos no passado.

De acordo com o amigo, Anas era uma das personalidades mais queridas de Gaza. "Ele é alegre e cheio de charme. Quando as crianças o veem, é como se estivessem vendo o próprio pai", disse Mohammed, antes de corrigir o tempo verbal. Anas foi alguém que carregou a voz do nosso povo, alguém que transmitiu a nossa dor ao mundo." As Forças de Defesa de Israel (IDF) anunciaram que Anas era um "terrorista que se fazia passar por jornalista". "Ele era o chefe de uma célula terrorista da organização terrorista Hamas e preparava ataques com foguetes contra civis e tropas israelenses", afirmaram as IDF.

Mohammed refuta a acusação. "Anas é mais um do povo palestino, a voz do povo. Ele não pertencia a nenhuma facção palestina, apenas à Palestina. As narrativas da ocupação israelense são sempre falsas", desabafou. Para justificar a morte de Anas, as IDF publicaram nas redes sociais uma selfie do jornalista posando com líderes do Hamas e uma tabela que supostamente mostra os nomes de membros do grupo palestino, na qual aparece o nome do jornalista com salário correspondente aos anos de 2013 e 2017.

O xeque Mohamed bin Abdulrahman Al-Thani, primeiro-ministro do Catar, denunciou um "ataque deliberado" contra jornalistas, que "revela crimes inimagináveis". As Nações Unidas usaram a palavra "assassinato" ao mencionarem as mortes dos repórteres e cinegrafistas. "Anas foi o jornalista mais forte da Palestina, o maior jornalista, que dá tudo de si, para transmitir a imagem de Gaza ao mundo. Anas Al-Sharif perdeu sua casa e seu irmão. Ainda assim, continuou sua cobertura. Ele documentava os crimes da ocupação em detalhes, com som e imagem. Para Israel, o modo mais fácil é acusar alguém de trabalhar para o Hamas", disse ao **Correio** o fotógrafo palestino Abood Abusalama. (Rodrigo Craveiro)

COLÔMBIA

Morre Miguel Uribe, pré-candidato a presidente

Depois de 65 dias de hospitalização na unidade de terapia intensiva, chegou ao fim o drama vivido pelo senador Miguel Uribe. Baleado três vezes — duas na cabeça —, durante comício em 7 de junho, o pré-candidato conservador à Presidência da Colômbia morreu na madrugada de ontem, aos 39 anos. Em uma publicação no Instagram, a viúva, María Claudia Tarazona, prestou uma homenagem emocionante ao marido. "Sempre será o amor da minha vida. Obrigada por uma vida plena de amor. (...) Peço a Deus que me mostre o caminho para aprender a viver sem você. (...) Descanse em paz, amor da minha vida, eu cuidarei dos nossos filhos", escreveu Tarazona, junto a uma foto do casal.

Segundo a agência de notícias France-Presse (AFP), Uribe faleceu à 1h56 (3h56 em Brasília), após sofrer uma hemorragia cerebral no sábado. O coronel deixa um filho pequeno e três enteadas adolescentes

Raul Arboleda/AFP



— filhas de Tarazona. Uribe era filho de Diana Turbay, uma jornalista assassinada pelo narcotráfico, em um resgate desastroso, após ser enganada sobre uma suposta entrevista com Pablo Escobar, único líder do Cartel de Medellín. O corpo de Miguel Uribe será velado entre hoje e amanhã no Congresso da Colômbia.

As autoridades prenderam seis suspeitos de participação na

tentativa de assassinato, incluindo o atirador, um garoto de 15 anos. O Ministério Público da Colômbia investiga o caso como "magnicídio" (assassinato de pessoa ilustre) e trabalha na identificação dos autores intelectuais. As suspeitas recaem sobre a Segunda Marqueteria, dissidência da extinta guerrilha marxista das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc).

O senador Miguel Uribe foi atingido por dois tiros na cabeça, em 7 de junho, durante comício

Professor da Universidade Externado de Colombia (Bogotá), Andrés Macías Tolosa lamenta o "golpe duríssimo" contra a democracia colombiana. "A morte de Miguel Uribe traz à tona memórias da violência política que o país experimentou anos atrás. É um impacto muito duro o fato de um presidente ser vítima de um atentado", disse ao **Correio**.

Polarização

Tolosa acredita que a situação colocará a questão da paz e da segurança de volta ao topo da agenda política. "É possível que o assassinato de Uribe aprofunde ainda mais, ou ao menos mantenha constante, o nível de polarização no país ante as

próximas eleições", observou. A vice-presidente Francia Márquez, sobrevivente de um atentado com granadas e fuzis em 2019, declarou que "a violência não pode continuar marcando nosso destino". "A democracia não se constrói com balas, nem com sangue", disse. Entre 2016 e 2024, pelo menos 74 candidatos a cargos eletivos foram assassinados na Colômbia, segundo o centro de pesquisas Indepaz.

Em nota divulgada do Ministério das Relações Exteriores, o Brasil afirmou que recebeu, com profundo pesar, a notícia do falecimento de Miguel Uribe. "Ao reiterar repúdio veemente a qualquer forma de violência política, o governo brasileiro transmite sinceras condolências à família do Senador e manifesta solidariedade ao governo e ao povo da Colômbia." A Organização dos Estados Americanos (OEA), as Nações Unidas e líderes lamentaram a morte de Miguel Uribe. (Rodrigo Craveiro)